

# Sala de Retratos

Francisco Carvalho

Marly Vasconcelos é figura emblemática da poesia no Ceará. Ela trafega suavemente pelos intrincados labirintos do universo poético, como se fosse a musa de si mesma. Sua poesia é uma projeção metafórica de sua interioridade. Não gesticula nem se exalta. Tem o “pudor de falar alto”, segue à risca o preceito contido no verso famoso do poeta e diplomata Ribeiro Couto.

De 1973 a 1985, Marly publicou apenas dois livros de poemas. Isso foi bastante para colocá-la entre o reduzido grupo daqueles que fazem da poesia um exercício permanente de beleza e de aceitação das nossas fragilidades existenciais. À maneira de Carlos Drummond de Andrade, ela sabe que a vida também é feita de “muitos outros instantes sem razão e sem versos”. Tem, igualmente, a convicção de que “a matéria da poesia é a da linguagem” (Mikel Dufrenne).

A linguagem é uma dimensão reveladora na poesia de Marly Vasconcelos. Algo que se toca, que se converte em signo lapidar, que pulsa e ressoa com a limpidez de uma pedra. Basta que se atente para o primeiro poema do livro, espécie de porta mágica por onde se entra na geografia encantada de Espanha: “Azures, a queda dos inféis, Alcácer: / E a velha guitarra sarracena / tingindo-se com o sangue. / O sangue das arenas”.

Trata-se de um poema exemplar, onde o talento de Marly Vasconcelos, em poucas e magistrais pinceladas, desenha os contornos essenciais da Espanha épica. A arquitetura desse poema frugal não passa de dez palavras substantivas e dois adjetivos. Mas a riqueza evocatória desses quatro versos contém todos os ritmos, todas as pulsações e toda a impetuosidade da alma espanhola, no que ela tem de mais profundo e peculiar. “A velha guitarra sarracena, tingida com o sangue das arenas”, nos leva a sonhar com uma Espanha de raízes medievais promulgando o seu heroísmo no pergaminho da agonia dos touros.

Citei apenas um exemplo da vigorosa trama poética do novo livro de Marly Vasconcelos, que ostenta o engenhoso título de *Sala de Retratos*. Outros retratos haverão de seduzir o leitor, seja pela ternura, pela densidade lírica ou pela piedosa ironia que os permeiam. O poema intitulado *Lembrança* nos fala de uma “velhinha (que) descobriu / a caixa de retratos / amarelados / reviu o

passado / e voltou à vida / mais curvada”. Outro poema típico da oficina poética de Marly Vasconcelos é *Estilingue*, composto de dois versos apenas: “desce uma nódoa de sangue: / não há mais pássaros na estampa”.

A função do poeta, segundo Paul Valery, “não é experimentar o estado poético. Ele tem como função cria-lo nos outros”. Essas palavras do mestre francês aplicam-se admiravelmente à poesia de Marly Vasconcelos. Seus poemas instauram o estado poético no espírito do leitor. Estado poético que nos torna receptivos às realidades mais profundas das coisas e dos seres. Convém assinalar que o poeta tem outras funções igualmente importantes. Uma delas é lutar, na ribalta do sonho ou do verso, para que a vida do homem na terra não seja “uma paixão inútil”, conforme insinua o pessimismo filosófico de Sartre.

Este novo livro de poemas de Marly Vasconcelos, editado por iniciativa da Coordenação do Programa Editorial da Casa de José de Alencar, traz de volta à cena literária uma das figuras mais queridas e admiradas da poesia de nossa terra.